

Antes de expor o material colhido para a organização desta história de vida, é necessário explicar como o apresentarei. A primeira parte consistirá em um depoimento sobre os "Movimentos Sociais no Meio Negro"; a segunda, na história de vida propriamente dita, e a terceira, em alguns fatos conhecidos através do entrevistado, os quais refletem suas atitudes em relação ao branco e ao negro.

Esta disposição explica-se pelo tipo de ajustamento desenvolvido entre pesquisado e pesquisador. De fato, desde as primeiras entrevistas precisei usar lapis e papel para anotações, pois percebi ser essa uma expectativa do entrevistado. Colhi, dessa forma, alguns fatos de sua vida; logo, entretanto, a narração desviou-se para a história dos movimentos sociais no meio negro ("não vejo em que minha vida possa interessar... isto sim."). Com o correr das entrevistas, pude voltar várias vezes à sua história de vida, mas agora em condições mais favoráveis, que permitiam uma certa espontaneidade do entrevistado - produto do desenvolvimento de uma relação de caráter simpático. As referências sobre sua vida apareciam ocasionalmente, não como parte das informações e do depoimento, mas como considerações à margem dos assuntos tratados. Assim, para não constrangê-lo, não anotei em sua presença, nenhuma das informações sobre sua experiência pessoal; pude, no entanto, completar aqueles dados iniciais e organizar a história de vida. A terceira parte tem uma gênese completamente diferente: são fatos e observações obtidos nas mais diversas situações, principalmente nas

vezes em que a conversa se desviava para temas gerais, e também em outras ocasiões, em que a relação não era mais a de pesquisado e pesquisador.

## I

Quando procurei J.C.L. e comecei a explicar, a seu pedido, quais os dados que me interessavam, falando inicialmente da necessidade de conhecer a vida familiar, disse-me abrupta e violentamente: "Não tive vida familiar. Nasci em 1901. Minha mãe era mulata, alta e bonita, dêsse tipo muito sequestrado. Meu pai, branco, de família importante, deputado e senador da república velha. Tenho uma irmã, filha de turco."(Ouvi duas outras vezes essas palavras cruas, ditas com a mesma violência. Uma delas, lembro-me bem, foi quando se discutia, numa roda, as relações sexuais entre brancos e negras. No desenvolvimento da conversa, a aquêle fato foi encaixado, em apoio de sua posição, de quem só via "safadeza" por parte dos brancos, nesta questão.) Logo depois, acalmando-se, contou-me que sua mãe era de Pinda ou Caçapava, e que havia falecido, desequilibrada, na Santa Casa. Seu pai, só conhecera aos 21 anos. Sua mãe não gostava de falar dele e durante muito tempo soube apenas que era branco e, desde os 19 anos mais ou menos, que pertencia a família importante. Acha que foi abandonado pelo pai, por sua mãe ser negra.

Contou, ainda nesta primeira entrevista, que passara, com 10 anos, a viver em casa de uma família italiana, onde tinha a condição de empregado. Tendo a conversa tomado nova direção -movimentos sociais no meio negro- não fiz nenhuma tenta-

tiva para voltar ao tema original, pois preferi esperar que nos sas relações deixassem de ser formais para então voltar à sua história pessoal. Quando isto aconteceu, pudemos conversar com maior liberdade. O que segue, são dados colhidos nestas condições.

Tanto quanto posso reconstituir, a vida em companhia da mãe foi bastante irregular. Numa ocasião, falando da precariedade das condições de alojamento do negro, diz que "muitos não tinham onde morar", e completa: "minha mãe mesmo chegou a dormir, comigo e com minha irmã, em uma privada, por falta de outro lugar". Noutra vez, falando de uma cena que presenciara num quarto, separado do seu por uma parede tosca através da qual se ouvia o que se passava do outro lado e onde havia furos que permitiam observar os acontecimentos, descreve o quarto onde dormia com a mãe e a irmã: "não havia cama, nem colchão, o chão era de terra batida. A cama era uma esteira velha; não havia cobertas e nem roupa de cama." Segundo suas palavras, a sobrevivência era garantida pela mãe que "tirava esmolas na rua... se arranjava com as famílias". A existência de uma irmã "filha de um turco" e a beleza da mãe do "tipo sequestrado" indicam, mas não tenho elementos para afirmar isto, a prostituição ocasional como sendo uma outra fonte de renda. Ele, por sua vez, contribuía para o sustento da casa, com o lucro advindo de "expedientes": "-nós, negrinhos, eramos todos chamados de moleques. As famílias gostavam de nos ter para recados e entregas." Uma outra atividade que ~~que~~ oferecia oportunidade para "ganhar alguns níqueis, prestando pequenos serviços", estava ligada ao club de golf que havia no Morro dos Ingleses.

"Minha vida foi na rua, onde cresci, aprendendo a ler um pouco aqui, outro lá. Cheguei a fazer uma tentativa para frequenter"

tar escola. Via, muitos dos meninos com quem brincava, irem à escola. Depois de 'rondar' durante algum tempo uma delas ( Escola Mixta 13 de Maio, particular) indo muitas vezes esperar a saída de meninos conhecidos, acabei me apresentando à professora. Disse que desejava ir à escola mas não tinha dinheiro para pagá-la - propunha-me então a prestar serviços a título de ensino. Três meses depois a professora, que viera do interior por causa de um noivo e montara a escola para se manter aqui, tendo desmanchado o compromisso, fechou a escola e voltou para o interior. Na última aula, ao despedir-se, deu-me alguns livros, aconselhou-me a ir procurando ler e me disse que uma das cousas que mais sentia era deixar-me. Perante a classe, indicou-me como exemplo. Foi a minha grande alegria dessa época."

A experiência de rua não foi mais amena. No Club de Golf, já referido, por exemplo, "era comum aquêles negros pegarem um dos moleques e levar para o mato, - os que ficavam com pena, se é que ficavam, mandavam o garoto tocar uma punheta. Vi um negrão pegar um garoto e arrombá-lo ... o negócio deu truta ... aquêles negros queriam pegar a gente e nos convidavam para ir no mato". Insistí na conversa e soube que "aquêles negros pegavam os garotos menos sabidos. Os garotos recatados passavam por aquilo naturalmente - alguns, como o Formiga, procuravam os homens. Eu era cheio de malícia, crescí na rua - eu sempre me sapei." "Quando morava com minha mãe, no quarto a que já fiz referência, assistiu "uns negros assaltarem armados uma negra que vivia no quarto ao lado e pegarem-na a peça, um pela frente e outro por traz" .

O negro, mesmo se apresentando sob a forma de um herói, não preenchia tôdas as condições dêste. Por exemplo, no caso de "um negro velho (que) discutiu com um italiano quitandeiro e disse: 'seu carcanano, no meu rastro morre de susto'. Os mole-

ques, depois da discussão, perguntaram porque tinha dito isso e obtiveram a explicação de que êle vivera no mato, como foragido, roubando fazendolas, até conseguir chegar a São Paulo, onde assistira a libertação."

Embora pobres, os dados relativos aos primeiros dez anos de vidas, são significativos na medida em que representam a tomada de contacto com a sociedade em que o indivíduo vai viver. Como se verá, pelos dados que correspondem ao período que vai dos dez aos dezoito anos, a importância dos já apresentados cresce, pois esclarecem em muito a definição da lealdade para, e integração no, grupo branco.

Aos dez anos "estava, um dia, brincando na rua quando um italiano 'rachador' perguntou se eu queria ser ajudante de um seu patrício. Ofereceu-me 10\$000 com cama e comida. O serviço era entregar lenha em carrinho. Fiquei aí até 1922 (21 anos). O dinheiro era para ajudar minha mãe".

Viu, então, "o que era viver no seio de uma família, o que, entre êles (italianos) era coisa séria. Gostava, porque co mia na mesa... não havia o ranço escravocrata das famílias tradicionais. Acabei tomando conta das crianças, levando-as por tôda parte. O italiano (o chefe da família) me tratava como a um filho, mas quando explodia, me chamava de negro. Aturava, porque esa condição de vida do negro na ocasião. (Explicando:) Em geral os imigrantes nos chamavam de tísio, tição. Havia ruas de cortiços de italianos onde negros não passavam sem serem chamados pelas crianças de 'tsiiiu' ". Associando ideias, passa a falar das condições de vida do negro nos cortiços, nessa época:

"Em cortiços onde havia promiscuidade de italianos, espanhóis e negros, êste tinham que fazer uma vida mais engraça

da - conseguir graças por graças. Precisavam estar em boa situação com os senhorios, porque estavam sempre em dificuldades (econômicas). A condição do negro era de subserviência. Muitos alimentavam-se com as sobras de comida que as cozinheiras traziam da casa dos patrões, à noite, depois de um dia de trabalho". Por outro lado, "havia repulsa aos negros <sup>Sau</sup> de má índole, <sup>los</sup> que chamavam os italianos de carcamanos, sujos, comedores de cebola. Isto era motivo de choques nos cortiços e levava à investigação dos antecedentes, sempre que um negro aparecia querendo um quarto." Este ajustamento, em que o negro ficava em condição de inferioridade, levava-o a contar "vantagens". "sempre havia essas histórias de negros que contavam vantagens aos italianos" - fato que ouvi, sob várias formas (uma delas está na pg. 4) e que tem um sentido compensatório.

Mas as associações não pararam aí e foram às relações de negros e portugueses. "Esse negócio de português gostar de negra é muito safado. Eles chegavam aqui, trabalhavam como torneiros ou padeiros e se amasiavam com uma negra que também trabalhava e ajudava no sustento da casa, além de (fornecer) comida que traziam da casa da patroa. Não é gostar só - havia interesse no meio. Era muito comum, no fim das contas, o português mandar vir a mulher de Portugal e abandonar a negra que o havia ajudado aqui."

Fora do cortiço, pouco me disse das participantes da rede de relações sociais que o envolvia. "Os compradores de lenha eram pessoas da classe média para cima. As classes altas compravam por caderneta e só encontrava (pessoas dela) no dia do pagamento. Só tinha ligação com as cozinheiras e governantes. Com as da classe média, tinha maior contacto - convidavam para um café, conversavam ... na cozinha."

Na medida em que posso reconstituir sua vida, a entrada na casa do "italiano", com o ajustamento aí desenvolvido, promoveu uma definição de lealdade em favor do grupo branco. Deste lado, concorreram dois fatores que facilitaram uma boa aceitação: o conhecimento da filiação paterna (homem branco, político e importante) transmitido pela mãe, e os traços físicos do historiado (um mulato claro de traços "finos"). A vida instável anterior, frente à segurança encontrada e a "resposta emocional favorável" agiram no sentido de tornar desejável, por este negro, uma integração total no grupo branco. Enquanto a vida foi ser em pregado e companheiro dos filhos, não houve alteração no processo integrativo. O "tziu" do italiano, nos momentos de raiva, era como se fosse um prego insistente do salto de berracha de um sapato que, com o uso, furou a palmilha e, conforme o modo de pisar, atinge o calcanhar. São contusões cacetes; mas quem tem um só sapato, não tem dinheiro para pagar o sapateiro e sabe que se tirar o prego o salto cai e o sapato fica inutilizado, não tem remédio... aguenta. A própria percepção das condições de vida do negro, indicada até certo ponto linhas atrás, só atingiu um nível de consciência mais tarde, quando a vida mesma engendrou situações que exigiram uma participação mais íntima na vida daquela família branca e no seu grupo social. E isto não de deu de uma só vez, mas aos poucos. São "poucos" que se somam ao prego do sapato e explodem um dia, menos como uma consequência de sua dinâmica própria, <sup>do que</sup> mas antes de conjugação desta com outros fatores. Acompanhemos esse processo.

O interesse do grupo de folguedos infantis, a certa altura, fixou-se no circo. Nessa ocasião, "eu saía para ver palhaços trabalharem. Me oferecia para distribuir cartazes em troca de entrada para o espetáculo". Assim, "quando apareceu a ideia de se organizar um circo para dar espetáculos e cobrar en-

trada da garotada da vizinhança, eu era o palhaço indicado. Construiu-se um picadeiro no quintal da casa de um dos meninos. Na hora de serem distribuídos os papéis houve uma grande celeuma sobre a atribuição do papel de palhaço. "Uns achavam que deveria ser mesmo eu. Outros, entre eles os moradores da casa onde estava instalado o circo, alegavam a minha cor como impecilho: - 'O que irão dizer de um circo onde o palhaço é um preto'. Venceu o primeiro grupo: em primeiro lugar, porque o 'engraçado era eu', e depois, porque alguém lembrou que 'ele se pintava e ninguém veria a cor'". É bom acrescentar que nesta ocasião, como em outras, os filhos do "italiano" estavam de seu lado.

Passado o circo, o interesse do grupo infantil fixou-se no futebol. Assim, fez parte de um time de filhos de italianos, onde era o único negro. Enquanto a preocupação do grupo foi futebol, não houve maiores choques com os companheiros, pois "eu era um bom jogador e eles precisavam de mim". É fato que, "umas vezes por zanga, outras de brincadeira", era chamado de "minelite" e "negro", e isto não deixava de amargurar-me."

"A certa altura percebi um trabalho de sapa para eu não ir a certos lugares". Isto durou até o dia em que um dos "companheiros, que gostava muito de mim, disse: 'entramos para uma sociedade de baile e já falei com a diretoria, que concordou que você fizesse proposta, impondo, entretanto, a condição de só frequentar os ensaios de homens', não podendo eu comparecer às reuniões de que participassem as damas." Esta situação foi "aceita num momento de deslocamento".

Os ensaios eram realizados às terças feiras. Certa vez caiu num feriado e o salão foi alugado para um baile de uma sociedade de negros. Nós não sabíamos e fomos para lá na hora do costume. Os meus companheiros foram embora, mas eu vi uns conhecidos



de vista e fiquei olhando da porta, meio embasbacado, numa espécie de explosão de alegria. Eram homens e mulheres de maneiras de lidadas e finas (...) o pedido de uma contradança era cerimonioso e respeitoso (...) os pares rodopiavam elegantemente pelo salão. Sabia que havia bailes de negros, mas não que fossem tão em ordem. Vi que não precisava (para dançar) sofrer aquelas restrições (as da sociedade de brancos). Apresentou-se a minha frente uma nova vida e surgiu o ideal de entrar naquêlo meio. Procurei, então, um dos meus <sup>conhecidos</sup> ~~companheiros~~ de infância que vi lá e não soceguei até conseguir o meu intento".

"Até então só conhecera bailes de negros do Piques, frequentados por ~~homens~~ velhos e cozinheiras. Pensava que não houvesse bailes de pessoas da minha idade! Além destes, "conhecia só aquelas festas em casa de família onde se dansava com sanfona. Dança bastante tosca; as pessoas tinham maneiras bruscas; as roupas eram pobres, feitas de brim".

Por essa época, "os italianos me diziam que iam arranjar mulher para me casar. Notava que, tôda vez que se tocava no assunto, as moças que me eram propostas como bons casamentos não eram da família, mas sim, mul/atinhas. Entre as parentes do "italiano" havia uma sobrinha com a qual simpatizava; meu interesse, entretanto, teve um fim abrupto quando ela me disse: 'o que estraga você é ser escuro demais!'. E comentado êste fato: "foi quando comecei a notar que a <sup>â</sup>côr era um entrave".

Pelo exposto verifica-se que, a partir da definição de lealdade ao grupo branco, o desenvolvimento do processo integrativo neste meio acaba por criar uma situação de omissões e de concessões para evitar conflitos de ambos os lados. São omissões e concessões que se manifestam de um modo agudo quando J.C.L. ascende ou está por ascender a posições de prestígio (circo), quando as relações exigem um "tonus" afetivo mais carregado (moça com quem, parece-me, pretendia casar), ou quando sua presença pode <sup>vir a/</sup> dar lugar ao desenvolvimento de uma relação afetiva com u'a mulher do

grupo (a sociedade de bailes de brancos). Ajustamento mais fácil tem lugar quando as relações não envolvem níveis mais profundos de afetividade. Quando êstes níveis mais profundos de afetividade são (ou podem ser) atingidos, criam-se as condições para o aparecimento de uma consciência de limitações, oriundas da cor (a aceitei num momento de deslocamento"; "comecei a notar que a cor era um entrave"). As soluções que se apresentam para algumas dessas situações de conflito não são institucionalizadas: num caso é só pintar o rosto, que ninguém percebe a cor; noutro é frequentar apenas as reuniões dançantes masculinas, que se concretizam por interseção pessoal - é uma sobreposição do grupo primário à estrutura social geral.

Há ainda uma ordem de fatos que, apenas afluídos, não ficaram suficientemente esclarecidos, e sem os quais não se poderia compreender a lealdade para com o grupo branco e, até certo ponto, a aceitação encontrada na família italiana. Trata-se das relações de J.C.L. com o pai.

Até por volta dos 15 anos sabia apenas que êle era rico e importante, e isto mesmo, através dos "italianos", pois sua mãe "não gostava de falar dêle". Foi por iniciativa de M., um dos filhos do "italiano", barbeiro de um salão do centro, do qual seu pai era freguês, que se viu à frente dêle, embora, na ocasião, não soubesse quem era "aquêle senhor". Tinham-no mandado levar um peru e uma carta, cuja resposta deveria esperar. "Apareceu um senhor, examinou-me bem e disse: 'diga ao seu patrão que está entregue'. Deu-me 10\$000". Só depois, por intermédio da mulher de M., ficou sabendo quem era o senhor que vira e então, "compreendí a razão do exame".

Não tenho elementos para ir mais longe na análise do papel do prestígio do pai na boa aceitação por parte da família ita

liana; de qualquer modo, a simples iniciativa para promover o encontro, sem o conhecimento de J.C.L., parece indicar não ser pequena a importância desse prestígio. De parte de J.C.L., algumas manifestações me autorizam a achar que o conhecimento do pai (sua cor e posição) foram de real importância na definição de sua lealdade para com o grupo branco. Realmente, dá esta impressão quando, comentando o primeiro encontro com o pai, diz: "se tivesse ficado lá, teria sido melhor, porque poderia ter sofrido influência dele", ou quando, já adulto, falando de pretos e mulatos e imputando aos primeiros as qualidades de subservientes e bajuladores, e aos últimos, as de revoltados e insubmissos, explica isto por "atavismo... final, três séculos de escravidão devem pesar". A revolta e a insubmissão devem correr por conta do sangue branco, acostumado com a liberdade. (Não consegui encontrar esta última afirmação em minhas cadernetas, mas tenho uma idéia bastante firme de tê-la ouvido). De qualquer modo, entretanto, posso afirmar que a sua lealdade ao grupo branco e seus esforços de integração nele eram legitimados pela condição de branco do pai.

Deixei claro que, a partir da definição da lealdade ao grupo branco, a própria dinâmica dos ajustamentos nesse grupo não levou a uma redefinição de lealdade - gerou, isto sim, um regime de omissões e concessões. São fatores estranhos a esse grupo, como já deixei antever ao falar do baile de negros, que criaram as condições para essa redefinição. É só quando há oportunidade de "trocar de sapato" que ela se processa - é só quando se apresenta um baile de negros correspondendo a expectativas nascidas na "sociedade de brancos" e, mais ~~isso~~, possibilidades de solução de problemas afetivos para os quais o "mundo dos brancos" não oferecia perspectivas animadoras. Essa redefinição não se desenvolve facilmente - na troca de sapatos, o novo é de forma diferente - ela se dá com choques e conflitos que, desta vez, não mais afetarão a nova lealdade.

A definição da nova lealdade completa-se quando, aos 21 anos, amasia-se com "uma negrinha" e deixa a casa do "italiano". Dêste fato não tenho informações diretas, pois achei, na ocasião, que se insatisse neste assunto poderia prejudicar as informações sôbre os movimentos sociais no meio negro. Sei, por outras pessoas do grupo, que terminou com a fuga da mulher, anos mais tarde, com um companheiro d'êle, levando os dois filhos. A filha acabou sendo prostituta e o filho malandro (com passagens pela cadeia). Fatos que deixaram um ressentimento profundo, como pude observar, quando se referiu à mulher chamando-a de "negrinha".

O processo de redefinição de lealdade é acompanhado por uma tomada de consciência da situação e dos problemas específicos do grupo negro. Isto se dá, inicialmente, através de "boques com negros revoltados". "Lembro um dia em que um negro chegou com um jornal onde se falava na 'raça resgatada' e eu achei certa a expressão. Foi o bastante para provocar uma explosão, mais ou menos nestes termos: 'Não acredito nessa história de resgate. Os negros foram sugados para fazer a base de nossa economia e estão soltos no mundo ... não (nos) pagaram nada.' "

Com o tempo, essa consciência vai se desenvolvendo: são situações ora do grupo negro, ora do branco, ora resultante das relações entre um e outro, que a avivavam - de algumas participa, de outras apenas toma conhecimento. Estes fatos estão narrados nas 12 primeiras páginas da parte referente aos movimentos sociais. Por aí se vê que, concomitantemente à passagem da lealdade para o grupo negro, desenvolve-se uma "consciência social da situação" do negro, mais ainda, desta tomada de consciência participa um grande número de pessoas e dá como resultado a emergência de movimentos de recuperação do negro. Es-

ta recuperação deve ser feita, pensam, pela aproximação e com o auxílio do branco. É só nos últimos anos da década de 20, com repetidas desilusões em relação a êsse auxílio (o caso de Macedo Soares, por exemplo). que êstes movimentos adquirem caráter reivindicatório e que seus líderes passam a encarar os problemas do negro como solucionáveis só pela ação do próprio negro.

As suas relações com o pai não deixam de ter um papel importante na definição de sua atitude quanto às relações entre brancos e negros e, em particular, no caso que agora nos interessa, quanto ao auxílio do branco. Procurou-o aos 22 anos "numa ocasião em que estava necessitado". Não o tendo encontrado, deixou, p r insistência do pessoal do escritório, o nome e endereço. Um mês depois, o pai foi procurá-lo, também não o encontrou, e deixou o cartão. Voltou ao escritório." (Êle) disse que não era culpado -a (minha) mãe era soberba e sumiu comigo. Falou bem perto da boca para ver se eu cheirava ... deu 100\$000 ... e depois era sempre assim. A necessidade era a gravidez da mulher com quem eu amasiára. Nunca tive muito contacto (com o pai) porque já era homem feito e senti as restrições dêle que, conhecendo a índole dos negros, de 'tirar cousas', tinha medo." Mas vejamos um fato que, como outros, contribuiu para estabelecer a posição de que os problemas do negro devem ser resolvidos por êle, sem o auxílio do branco. Havia já quatro anos que tinha procurado o pai (em 1927, portanto) quando, "tendo necessidade de comprar u'a máquina de escrever que custava 3000000, procurei-o e expuz as razões porque precisava dela. Conteí dos nossos e de nossas intenções. Êle condenou, então, a participação em movimentos dessa natureza pois, no Brasil, não havia necessidade dêles".

As relações com o pai oferecem o ensejo de concluir esta parte, pois põem em evidência os elementos necessários pa-

ra se compreender as atitudes de J.C.L. em relação ao negro e ao branco. De um lado, há uma referência à "índole dos negros de tirar cousas" - são os motivos da primeira definição de lealdade que persistem, estimulados, de algum modo, 1) pela não correspondência do negro às suas expectativas de comportamento (negros "a-proveitadores" dos movimentos reivindicatórios, bajuladores e campanhas de políticos, não respeitadores do lar de um amigo, etc); e 2) pela existência de brancos que "fazem o que os negros deveriam fazer" ( a exaltação do negro nas poesias e escritos literários, enquanto "um Cruz e Souza exaltava as cousas claras, alabastinas") e reconhecem o sentido construtivo de sua ação em favor do negro (Leopoldo de Freitas - parte I, pag. 25; Artur Ramos, Graciano Guimarães - que visitou a sede do Clarim e "admirou-se de ver como os negros procuravam esclarecer os próprios negros"; são as crônicas de Humberto de Campos e Maurício de Medeiros relativas à morte de Vicente Ferreira, enquanto o próprio negro esquecera-se dele; é o amigo do Dr. C., ambos brancos, que elogiou o Clarim e só assim o Dr. C. soube que seu empregado fazia parte do grupo desse jornal; é "a vacilação do negro"). De outro, as considerações do pai sobre a desnecessidade de movimentos negros reivindicatórios - é a incompreensão do branco para os problemas do negro, a expressão do que chama "sentimentalismo safado" do branco ("que toda vez que se referia ao negro era para contar a velha ladainha de que tinha mamado no seio de uma negra, como se isso fosse alguma vantagem ou algum favor para o negro"); é a impossibilidade de aproximação entre os dois para resolver esses problemas, dando como resultado um desejo de não manter sequer relações com brancos ("não maninho relações com brancos - só enquanto dura um interesse comum"), reforçando a lealdade ao negro.

Nessa lealdade por exclusão, é que se deve procurar os motivos de sua atitude em relação à orientação e aos objetivos dos movimentos sociais de negros. Compreendendo o negro, suas fraquezas e defeitos, convivendo com ele nos bares e nas gafieiras,

enfim, vivendo a vida dêle e dando o exemplo de conduta, é que se pode contribuir para trazer seus interesses ao nível de consciência e conseguir efetivá-los. (Não é comandando, ordenando, impondo, como me parece é o caso do Veiga dos Santos, que age a partir de uma concepção do negro recebida da família tradicional brasileira, sem que a tenha reinterpretado). A fundação e a orientação dada ao Cultura (Club nos moldes dos de brancos) constitui uma tentativa de construir um tipo de convivência social segundo os moldes da sociedade branca, mas independente dela. O objetivo não é reivindicar a integração no mundo dos brancos, mas o direito de viverem do mesmo modo, aparte.

## III

Arrolarei agora alguns dados sôbre os negros, obtidos do entrevistado, que apresentam interêsse a quem procura conhecer e explicar o negro e suas relações com o branco. Desde já devo dizer que faria parte dêles alguns elementos referentes às relações de pretos e mulatos que entreguei em outra oportunidade.

"A vida do negro ( por volta de 1924-6 ) dividia-se em: (1) negros que frequentavam salões de baile do centro, considerados elite e (2) negros de bairro, chamados negros de brin por causa do tecido das roupas que usavam. Os primeiros eram os que trabalhavam nas repartições públicas, os choferes, ganhavam mais e andavam melhor trajados - os motoristas, por exemplo, gastavam mais nos buffets dos salões de baile ( e ) não admitiam aproximação dos outros, oprimidos, mais ignorantes. Os segundos, embora com menos dinheiro, eram mais independentes, não estavam encostados nos brancos recebendo proteção e os bajulando".

"No começo de minha vida ( de adulto, por volta de 1920, portanto ) os negros tinham profissões domésticas - realizavam tôdos os serviços de casa. Os cocheiros eram geralmente brancos mas os que cuidavam dos cavalos eram negros, - o cocheiro era um sujeito importante que tinha uma cartola assim ... ( e indica com um gesto o modo de usá-la ). Nas pensões os serviçais eram negros. Havia mesmo lavadores de casa que faziam ponto num determinado lugar - não faz muito, terminou o da rua Quintino".

"Havia advogados e médicos que tinham um negro para tomar conta do escritório. Estas ligações valeram empregos - no Forum, por exemplo, como oficial de justiça.e, também, de investigadores."

"Os negros fortes eram bem vistos para servirem de capangas para garantir seus patrões ou mostrar que se mexessem com êles ( patrões ) teriam que se <sup>haver</sup> ~~XXXXX~~ com um negro."

"Eram raros os negros que tinham profissões ~~XXXXXXXXXX~~ - pedreiro, car-



pinteiro. Barbeiro, alfaiate, sapateiro eram profissões difíceis e os negrinhos aprendizes tinham dificuldade em conseguir colocação". Em 1929, se não me engano, ocorreu mesmo que um "bom pedreiro frentista, vindo da Bahia onde aprendeu o ofício desde menino, precisou trabalhar uma semana em experiência porque o mestre da obra não acreditava que ele fôsse capaz de fazer daquele serviço".

Nas fábricas havia poucas oportunidades para os negros pois " sempre foram propriedade de italianos - só para os que tinham ligações com famílias italianas." Assim mesmo "havia serviços de negros nas fábricas - os que os italianos não faziam, os serviços pesados e arriscados para a saúde". A mulher negra, ao lado das dificuldades que encontrava e "até hoje encontra para ser aprendiz e chegar a ser tecelã" ( somente o conseguindo quando " não há nenhum candidato forte") foi sempre de "tradição doméstica e, por isso, recebia emprego e, quando não, proteção das famílias tradicionais." - Assim, não ia parar nas fábricas.

"No comércio havia poucas pessoas de cor . Apenas duas ou três chapelarias tinham empregados ~~de~~ negros".